

- \_\_\_\_\_. (1932) *A técnica da análise de crianças pequenas*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1932) *As relações entre a neurose obsessiva e os estágios iniciais do superego*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1932) *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1932) *Fundamentos psicológicos da análise de crianças*. In: *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1935) *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. In: *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1937) *Amor, culpa e reparação*. In: *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KRISTEVA, J. (2002) *O gênio feminino: A vida, a loucura, as palavras: Melanie Klein (Tomo II)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- MELSOHN, I. (2010) *Peculiaridades do processo de simbolização*. In: *Distúrbios alimentares: Uma contribuição da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 2010.
- ROUDINESCO, E. (1998) *Dicionário de psicanálise: Elisabeth Roudinesco, Michel Plon*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

**Pedro Belarmino Garrido**

Rua Horácio Bandieri, 13 - São Paulo, SP

CEP: 05653-030

Telefone: (11) 99636-5810

E-mail: pbgarrido@hotmail.com

## Do sonho de Bion ao contra-sonho de Lacan?

ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

**RESUMO:** Neste trabalho busca-se percorrer conceitos e conceituações psicanalíticas de autores da linha inglesa e francesa, detidamente Bion e Lacan, de modo a, ressaltando suas contribuições, encontrar paralelos e distinções que se traduzam em conversas e disjunções entre ambas e ambos, elegendo-se como eixo de desenvolvimentos as noções de sonho e - na medida do possível - de contra-sonho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bion; Lacan; Psicanálise; Sonho; Contra-sonho.

A psicanálise francesa, especialmente a lacaniana, seguiu uma trajetória bastante diferente das linhas gerais da de origem inglesa, inclusive pela famosa “excomunhão” de Jacques Lacan pela IPA em 1963, o que culminou na criação da *École Freudienne*. Mas antes mesmo disso, diferentes elementos conceituais ou de interlocução eram convocados para o desenvolvimento teórico de tais ‘escolas de pensamento’, sendo o estruturalismo e a dedicada discussão com a linguística, na França, bons exemplos de contrapostos à espécie de fenomenologia e idealismo que perpassam toda a perspectiva de orientação inglesa. Apesar disso, se ambas partem de Freud e de experiências clínicas, quer dizer, se ambas partilham de fundamentos comuns, é como se diz por aí: ‘Não é possível que elas não tenham importantes

Psicanalista, Membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

convergências, eu duvido!’ Será? Dando-se atenção ao aporte lacaniano do sonhar em comparação com os vislumbres bionianos sobre o mesmo tema, vejamos se uma ponderação em espiral – que vai e volta da linha e língua inglesas à francesa e vice-versa – acerca de certas elucubrações e distinções pode nos levar a algum outro lugar comum.

#### RÉQUIEM PARA UM SONHO, AURORA DE UM PENSAMENTO

*Freud diz que Aristóteles afirma que o sonho é a maneira como a mente trabalha ao dormir: eu digo que é a maneira como ela trabalha quando está acordada*

(BION, em Cogitações)

*... O inconsciente é muito exatamente a hipótese de que a gente não sonha apenas quando dorme*

(LACAN, em O momento de concluir)

Tanto Bion quanto Lacan entendem que o sonho não tem que ver simplesmente com o ciclo sono-vigília. Mas suas leituras desse elemento central do universo psicanalítico são bastante diversas.

O sonho de Bion, na medida do que ele pode ser delineado em certos momentos de seus desenvolvimentos, é um meio pelo qual a personalidade, ou alma, ou caráter, pode ter acesso ao material derivado do contato com a realidade, seja externa, via impressões sensoriais, seja interna, via emoções percebidas. Em outras palavras, o trabalho onírico é responsável por transformar o material pré-comunicável em material armazenável e comunicável, de modo que é uma condição do pensar.

O que eu entendo é que o material consciente tem que ser submetido ao trabalho onírico para tornar-se adequado ao armazenamento e à seleção; [...] o material

pré-verbal inconsciente tem que ser submetido ao trabalho onírico recíproco pelo mesmo motivo. [...] A falha no trabalho onírico, junto com a conseqüente falta de disponibilidade da experiência de realidade externa ou de realidade psíquica interna, origina o estado característico do psicótico, que parece ter um contato com a realidade, mas, singularmente, faz pouco uso dele, seja para consumo imediato, seja para aprender da experiência. (BION, 2000, p. 56-58)

E se Sonhar<sup>[1]</sup> é condição do pensar, o pensar é condição de ser:

*Cogito ergo sum.* Sou, portanto penso: penso, portanto sou. Se  $\alpha$  é destruída, o pensamento torna-se impossível e a personalidade cessa de existir. O temor que o esquizofrênico tem da aniquilação pode estar associado com a experiência de sua não-existência como uma personalidade. [...] Não pode haver personalidade se não há pensamento nem autoconsciência. Sem uma função de autoconsciência, as pessoas podem existir, mas não há personalidade. Autoconsciência, a função, é o *sine qua non* da personalidade. (BION, 2000, p. 89-90)

Com as devidas cautelas, mas com a devida ousadia também, pode-se dizer que o analista italiano Franco de Masi (2002) resume bem toda a questão ao enunciar que “pensar” coincide com a capacidade para “sonhar” e que o sonho é o meio de transformação, não uma construção a ser interpretada. “O inconsciente, por intermédio do sonhar, provê novos suprimentos de símbolos e de imagens que transformam a experiência sensorial em pensamento” -- longe de ser o produto da repressão, o sonho é uma atividade diuturna, sempre presente, uma comunicação intrapsíquica e inter-relacional, que molda e registra emoções (MASI, 2002, p. 13).

Eis um ponto-chave: É o sonho inconsciente? Qual a importância de uma inconsciência ante o sonhar e o pensar? Em *Cogitações*, Bion (2000, p. 50 - *grifos meus*) explicita que “o uso psicanalítico do sonho, como um

1. Note-se que há inequívoca relação entre o sonhar e a função alfa como Bion a circunscreveu. É claro que o sonho, como produto, já é uma conjugação de elementos alfa (nome dado ao material utilizável no pensamento).

método pelo qual o inconsciente é tornado consciente, é um emprego inverso do que seria na realidade o mecanismo empregado na transformação do consciente em material adequado para *estocagem no inconsciente*; de modo que, em seu entendimento e interesse, não se usa “o material consciente para interpretar o inconsciente”, mas, sim, que “usando o inconsciente”, interpreta-se um estado de mente consciente (BION, 2000, p. 248). Maiores nuances do processo ele deixa em aberto<sup>2</sup>, mas não há dúvidas quanto à importância que é dada ao inconsciente:

As teorias psicanalíticas, como os melhores analistas as propuseram, foram bem úteis à causa do desenvolvimento científico, mas Freud deveu suas descobertas mais à utilização - ao método inconsciente de utilização - do mito de Édipo do que a quaisquer outros aspectos mais facilmente reconhecíveis de seu método científico. (BION, 2000, p. 246)

Ainda assim, Bion não deixa de nos dizer para sermos cuidadosos, pois “a mente e seus trabalhos”, sim, “têm grande importância; o resto, uma total estupidez em estado nascente, chamada “o inconsciente”, é misturado, glorificado e idealizado” (BION, 1989, p. 122). E, também, é repetidamente categórico quanto ao uso de ‘coisas’ como a contratransferência, estando ainda em 1977 (dois anos antes de seu falecimento), em palestras em Nova Iorque, dizendo: “o meu entendimento do significado correto do termo ‘contratransferência’ é que ele é *inconsciente*; e já que é inconsciente, o analista não sabe o que ele é. Então, tenho que tolerar o fato”. (Qual fato?) O fato de

2. Pois, por exemplo: Como é que a função alfa faz para “relegar o pensar ao inconsciente?” (BION, 1991, p. 28) Como é que ela possibilita o “pensar inconsciente da vigília”? (*Idem*, p. 48) A definição mesma de função alfa é a de ser indefinível, a de ser uma incógnita. Ela é para ser uma expressão destituída de sentido, justamente para cumprir o objetivo de servir à investigação psicanalítica como um equivalente da variável dos matemáticos, “a incógnita, a que se confere valor depois que seu uso ajudou a determiná-lo”, importando, precisamente, por garantir que “não se lhe atribua precocemente o papel de comunicar significações” (BION, 1991, p. 20). É só um rótulo destituído de sentido, como sendo apenas uma forma de se ponderar sobre um processo que se supõe.

Mas, por vezes, ele dá dicas como: “talvez o modo de usar um mito seja fazer associações a ele” (BION, 2000, p. 245).

se estar cômico de que existem “determinados elementos sobre os quais nada posso fazer, a menos que eu vá a um analista e nós tentemos lidar com isso”; Mas “não posso ser analisado por completo - não acho que isso exista” (BION, 1992, p. 112). Aqui vale uma ressalva: há que se diferenciar uma estrutura ou um elemento inconsciente, algo que é por definição um ponto-cego ou uma reação cega, de trabalhos oníricos como os da conjugação associação-livre/atenção-flutuante. A ideia de trabalhos inconscientes, como ‘recomendada’ por Bion, refere-se mais a uma função e a um funcionamento num estado de sem se dar conta do que necessariamente a um definido expediente relativo à instância do inconsciente, mesmo que isso também apareça.

Seja como for, se me fiz entender até aqui, duas coisas ficam claras: 1 - para Bion, o pensar é tributário do inconsciente. O inconsciente possibilita o pensar e, em decorrência, possibilita a personalidade, uma vez que é com a função alfa, que é não-consciente, que há distinção entre consciente e inconsciente (a própria formulação de Pensamentos sem Pensador ou a Teoria do Pensar, na qual os pensamentos antecedem o pensar, são ambas modos de dizer que existem pensamentos inconscientes prévios). Tudo via sonho, essa especial conjugação de elementos que são a outra face de uma moeda composta de dados sensoriais e emocionais, uma marca mallarmaica que precisa ser afiada e refinada; 2 - (que é uma consequência de 1), existindo consciência, há toda uma preocupação de Bion quanto ao tornar algo inconsciente, quanto ao tirar algo da consciência, quanto ao sonhar acordado - sendo o sonho um processo digestivo mental. Daí a consideração de um inconsciente não de recalçamento, mas um inconsciente de formação simbólica<sup>3</sup> que não se opõe à consciência. Ou seria, que não

3. Christopher Bollas sugere paralelamente a Bion, mas também nele baseado, que para complementar a teoria da repressão necessita-se de uma teoria da recepção - segundo a qual certas ideias, em vez de serem reprimidas, seriam “recebidas”, com o propósito de permitir o desenvolvimento inconsciente sem o efeito intrusivo da consciência (há aquela metáfora bioniana: ‘a penetração de luz numa câmara de revelação destrói o filme exposto’). A ideia é a de um inconsciente receptivo como sócio de um inconsciente reprimido, de modo que se no primeiro os processos de deslocamento, substituição, condensação e ‘simbolização’, estão em prol do disfarce e a serviço da censura e dos juízos persecutórios, no segundo eles ocorrem como parte

se opõe ao estado ‘acordado’ de mente? Ou, ainda, que simplesmente está fora da área do se dar conta? Um inconsciente do não-percebido? Um inconsciente que é “movimento peristáltico”, involuntário, como uma musculatura lisa? Tais coisas podem se sobrepor. E mais se pode embolar:

Para Freud, uma das funções do sonho é preservar o sono. A falta de função-alfa significa paciente que não pode sonhar e, portanto, não pode dormir. Como a função-alfa torna as impressões sensíveis da experiência emocional utilizáveis pelo pensamento consciente e pelo onírico, o paciente nem pode sonhar nem adormecer nem acordar. (BION, 1991, p. 26)

Dormir para sonhar ou sonhar para dormir? Dormir para acordar, sonhar para se dar conta, mas...

Eu não acho que quando estamos acordados nós realmente saibamos muito sobre o estado de espírito em que nos encontramos quando estamos dormindo. Como psicanalista, muito me foi ensinado sobre a interpretação dos sonhos. A única coisa sobre isto que não ficou muito clara pra mim é: o que é o sonho? Porque quando me dizem que o paciente teve um sonho, isto me é dito por uma pessoa que está em um estado “acordado” de mente. (BION, 2005b, p. 46)

Eis o ensino vivo de Bion (1992), que prefere perguntar a responder, deixando sempre lacunas para cada um preencher. Ou, como se encontra nas falas que Francesca Bion elenca de seu marido, na orelha do livro:

“Não acho que a minha explicação importe.” [...]

“Não sei quais as respostas a estas questões - e, se as soubesse, não lhes diria.

Acho importante que vocês as encontrem - por si mesmos.”

“Vou tentar te dar a chance de preencher o vazio que eu deixei.”

---

da *jouissance* da representação (BOLLAS, 1998).

## FESTA À FANTASIA E CONTRADANÇA AO OCASO

*Invariavelmente, o sonho visa a realizar um desejo que assume diversas formas. É o desejo de dormir! Sonhamos para não ter que acordar, porque queremos dormir.*

Freud, em carta a Fliess (09/06/1899)

É da consideração de Freud sobre o desejo de dormir no mecanismo do sonho que Lacan propõe que “o desejo de dormir é, de fato, o maior enigma” (LACAN, 1992b, p. 54). Não sem também destacar a escolha de Freud por escrever “desejo de dormir” [*Wunsch zu schlafen*], ao invés de “necessidade de dormir” [*schlafen Bedürfnis*], pois:

- não é disso [*schlafen Bedürfnis*] que se trata. É o *Wunsch zu schlafen* que determina a operação do sonho. O curioso é que ele [Freud] completa essa indicação com o seguinte: um sonho desperta justamente no momento em que poderia deixar escapar a verdade, de sorte que só acordamos para continuar sonhando - sonhando no real, ou, para ser mais exato, na realidade. (LACAN, 1992b, p. 54)

Mas tratar-se-ia então de um sonhar despertado? Marco Antonio Coutinho Jorge (2005) nos lembra que, em francês, o termo *réveil* (despertar) tem o mesmo radical que *rêve* (sonho) e dele se origina. Tal autor também nos chama atenção a alguns conclames de Lacan (1977 *apud* JORGE, 2005, p. 285-286) sobre o despertar - ou sobre a sua impossibilidade:

em suma, o despertar, é o Real sob seu aspecto de impossível, e que não se escreve senão com força ou à força - é isso que chamamos de contra-natureza (19/04/1977 - Seminário 24)

[...] na verdade, (d)a doença mental que é o inconsciente não se desperta (*réveille*). O que Freud afirmou e o que eu quero dizer é o seguinte: não há de nenhuma maneira despertar (*réveil*). A ciência só é passível de ser evocada indiretamente neste caso. É um despertar, mas um despertar difícil, e suspeito.

Só é seguro que se está despertado quando o que se apresenta e representa é sem qualquer espécie de sentido (17/05/1977 - Seminário 24) [...]

O importante é que a ciência é ela própria uma fantasia e que a ideia de um despertar é, propriamente falando, impensável (15/11/1977 - Seminário 25).

Se não se pode despertar, então está tudo ‘perdido’? E quanto ao sonho, então tudo é sonho? Percebe-se que estas conjurações lacanianas são bastante pontuais e categoricamente conclusivas - e pode-se, de pronto, conjecturar que somente elucubrações rigorosas poderiam levar razão a elas. Talvez seja importante aqui fazer uma volta estratégica para compreender certas vias que desembocam ‘aqui’ e pensar sobre as derivações que restam tendo-se chegado ‘ali’. E creio que ao discorrer, as pontes e ligações aí vão se clareando e se estabelecendo, de modo que possamos vislumbrar qual é o sonho de Lacan.

De largada, importa dizer que para Lacan, mais do que o sonho, se há uma via régia para o ‘inconsciente’, é, ela mesma, o sintoma (ainda que num dado momento ele tenha inclusive valorizado mais os chistes e os atos falhos por seus potenciais criativos e de efêmero-momento-sem-sentido). Isso pode ficar mais claro nas palavras do freudo-laciano Humberto Haydt de Souza Mello (a quem Bion prefaciou o livro *Tratado do homem*):

O sonho não é fantasia, e sonho é tão sintoma quanto o devaneio - que também não é fantasia - e devanear é tão sintomático quanto teorizar, e as teorias são importantes, como importantes são os devaneios e os sonhos porque, como sintomatizações, estão ancoradas, lá no seus princípios, por seus axiomas que, estes sim, são fantasias. (MELLO, 1987, p. 127)

E o que quer dizer a fantasia como axioma? Lacan (2003, p. 326) supõe “não haver outra entrada para o sujeito no real senão a fantasia”. Não se trata aqui de fantasias conscientes ou inconscientes, das narrativas semi-heróicas de nós mesmos que formam um catálogo fantástico, mas, sim, de uma *fantasia fundamental*, um mínimo múltiplo comum de todas as fantasias, a sua estrutura básica. Uma fantasia que é uma janela para o real,

um recorte, um modo de estar com o real de maneira editada, enquadrada a partir de uma perspectiva singular; mais que isso, uma matriz da realidade e de todo o nosso comportamento: uma matriz com duas entradas, a do sujeito e a do objeto (VIEIRA, 2015). Uma chave, um esteio pelo qual nos conectamos a seja lá o que for. “Esta maneira”, explica Marcus André Vieira (2002, p. 85), de “inserirmos o objeto em uma cadeia de sentido, uma ficção apaziguadora, foi denominada por Freud e Lacan *fantasia*”; e sua função, “que se desdobra antes, durante e depois de um encontro”, constitui “o pano de fundo sem o qual este encontro seria pura angústia”. Angústia?<sup>4</sup>

Em Inibição, Sintoma e Angústia, Freud nos diz, ou parece dizer, que a angústia é a reação-sinal ante a perda de um objeto. (...) Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever, que voltaremos ao colo. (...) A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela (...). Não se trata de perda do objeto, mas da presença disto: de que os objetos não faltam. (LACAN, 2005, p. 64)

Em outras palavras, que são também do mesmo já citado Marcus André Vieira (2015, p. 6): “*Fantasia*, por outro lado, é o nome daquilo que nos permite manter a distância entre sujeito e objeto.” Mas, retomando rapidamente esta última incursão, se a fantasia está por trás tanto do sonho quanto do que temos como realidade - algo que já pode ser tomado como uma primeira explicação para um impossível despertar -, podemos nos questionar acerca de qual poderia ser o estatuto de um tal objeto relacionado

4. “Não é mais o efeito da ausência muito prolongada do objeto que é aqui a causa da desorganização, mas seu oposto: sua presença excessiva, seu peso demasiado, seu ar por demais carregado é que torna a atmosfera irrespirável”, escreveu Andre Green a propósito da gênese do pensamento kleiniano. (GIOVANNETTI, 1997, p. 264).

pela fantasia, e mesmo se haveriam outros objetos.

Lacan é um profundo crítico das teorias de ‘relações objetais’, precisamente por seu potencial, levado a cabo por muitos autores, de suprimir qualquer referência aos pólos simbólicos do relacionar-se - estes últimos relativos à divisão subjetiva e a incompletude. No seu seminário 4, Lacan (1995) descreve que a relação com o objeto não existe, que o que existe é a relação com o objeto desde sempre perdido, uma relação com a falta de objeto. Pouco depois, em seu seminário 10, sobre a angústia (LACAN, 2005), explícita e tece toda a sua conceituação do famoso objeto *a*, o objeto da fantasia, suporte do desejo (desejo que só existe na falta). Um objeto não empírico, não especularizável, que escapa às leis da estética transcendental, externo a qualquer definição possível de objetividade, mas que por aí se encarna: falo, cíbalo e mamilo seriam ‘avatars’ deste objeto *a*, daí advindo toda a angústia a estes relacionada. É o objeto causa do desejo, que ‘empurra’ e mobiliza, num seu movimento pendular, sendo o mesmo objeto da angústia que surge justamente quando algo aparece no *lugar* deste objeto, preenchendo-o (a presença massiva e sufocante do ‘seio’). É um objeto que é, antes de tudo, um lugar, o lugar da falta. Algo que, com efeito, é anterior à constituição do *status* do objeto comum, comunicável, socializado, sendo também, por tudo isso, por todo este lugar premente na faltante natureza humana, o eixo central do que disso conceituou-se como psicanálise.

Qualquer outro objeto seria mera roupagem coadjuvante da encenação da relação do sujeito com a sua falta: que é, por assim dizer, o objeto *a*. Sem esquecer que é a fantasia que punciona essa relação e que é, ela mesma, esta chave-relacional que está presente em tudo o mais. Afinal, nossa realidade é estruturada com relação ao par ‘sujeito-objeto’.

Convoco aqui Jacques Alain-Miller (1987) para alguns arremates instrutivos sobre a fantasia: Através da fantasia se obtém prazer; a interpretação é fundamentalmente de ‘sintomas’ e a *fantasia fundamental* nunca é interpretada, pois ela “funda o sistema, mas está apartado dele” (*Idem*, p. 125); “trata-se de uma formulação completamente separada do resto de seu discurso. Como um monumento isolado que, entretanto, é ao mesmo tempo”, a origem do “comportamento” (*Idem*, p. 115); A fantasia

fundamental, para Lacan, está ligada a uma significação absoluta. A significação de uma fantasia como o ‘Bate-se em uma criança’ (título do artigo de Freud de 1919) “não tem motivação anterior e é, em si mesma, um começo absoluto: ‘Faça-se a luz, e a luz se fez’, eis o que a gente repete a cada vez que postula um axioma” (*Idem*, p. 136) [Freud supõe que a fantasia determina o sintoma]; há uma monotonia da fantasia (em oposição aos chistes e outras produções do inconsciente que são criativas), pois nela há sempre um ajuste comum, impossível de mudar. Por essa razão, o fim de análise, para Lacan, tem que ver com “a conquista de uma modificação da relação do sujeito com o real da fantasia” (*Idem*, p. 113). Pois ela “fixa o sujeito em um lugar peculiar”: “há na fantasia um lugar para o sujeito” (*Idem*, p. 116), o que retira do sujeito, que não é uma substância, a aptidão de ser uma variável, tornando-o objetivo.

Isto posto, posso agora retornar, via psicanálise, ao que é o sonho nesta perspectiva:

A psicanálise é o que estará acontecendo quando o sentido, dado pelo analisante ao sonho - e isto quer dizer que é ele quem o interpreta - quando este sentido, junto com o sentido de tudo o mais que se liga ao sonho - e isto quer dizer que a associação livre não é uma entidade de classe que ganhou liberdade - quando tudo isso, que é sonho sobre sonho, que é o sonhar ali se dando - e este sonhar não é a intuição de uma besta que se diz sensível, e autorizada por uma instituição - quando isto, assim tão querido, como um objeto que se possa analisar, é colocado, não como objeto de análise, mas como querido e crido objeto, capaz de operar sobre o sujeito, que assim se revela, e que só tem uma saída, já que assim se revela: cair mais um pouco, até o fundo do que é seu alicerce, o que era suposto como suficiente para que se apresentasse, há pouco tempo antes, como revelador e não, como se pode agora ver, mero revelado - portanto, eis o nó! - re-velado (p. 19). [...] posso dizer que aquela alteração do sonhado, que é o sujeito, produzida pelo sonhar como objeto capaz de operar, esta alteração altera a pessoa que, por isso, ao falar, ao sintomatizar, revelará novo sujeito, outro sujeito mudado pelo que, tendo sido sonhado, o sonhar, no depois, novamente o sonhou. (MELLO, 1987, p. 25)

Sonho é o que opera sobre o analisante revelando o sujeito, que não estava ali, mas que é nesse processo urdido. “É o que digo, o sonho pode ser qualquer coisa. Pode ser um pensamento, pode ser um raciocínio, pode ser uma ação, pode ser um objeto, pode ser a morte, pode ser um significante que se cria, pode ser até um sonho mesmo...” (MELLO, 1987, p. 60). O que importa é se o sonho, enquanto sintomatização reveladora, mostra o que nele mesmo se manifestou: o sujeito, então, revelado. Sintomatização que, não sendo a da patologia, tem em seu pé a fantasia e que, a partir dessa fantasia, constrói o objeto operativo. “Pois aí está o sonho, não como narrativa, não como coisa apontada pela narrativa, mas a coisa acontecendo, ali mesmo, na sessão, a narrativa não sendo senão a dimensão de aviso de que ali há algo que não se amarra nas palavras, mas que delas se vale” (*Idem*, p. 77): pois não interessa exatamente o conteúdo do sonho, o relato do sonhado identificado a um sonhador, como se o sonhar fosse sobre o sonhado.

A questão da psicanálise é a de favorecer para que a associação livre, a saber, o sonho que sucede o sonho, ou o sonhar que aponta para o sonhado, chegue a ser, como rodapé, mais interessante que o texto. (MELLO, 1987, p. 74) [...] Porque um sonho não quer dizer nada. Ele simplesmente é já um dizer, não o querer dizer. O sonho, também ele, só se sabe o que ele diz num depois, mas num depois de completamente sonhado. A questão então é reconhecer o quando é que ele chega a seu ponto final, porque só aí é que se reverte o significado sobre o que até então ia pingando por significantes, que não precisam da diferença sobre se a pessoa está dormindo ou acordada, para daí se destacarem como emanações radioativas, como uma aura mesmo que adorna, ao modo sintomático, o corpo. (MELLO, 1987, p. 75-76)

Insiste-se (sobre o sonho e o ‘saber’ que vai pingando dele):

O *sonhar* entrega o *sonhador* pelo que, como ato, que sempre é falho, aponta como *sonhado* – e este apontar é do discurso da histérica. [...] Uma vez *Freud sabido por isso*, constituiu-se um *conhecimento* sobre que *há um saber no*

*inconsciente*, embora nunca se possa saber qual é este saber. Por que não se pode saber este saber? Porque ele se faz a cada momento, ele não está lá já feito, e *ele se faz em sonhos que não são necessariamente históricos*: estes sonhos não se aprontam necessariamente como *sonhados* – como quer a histérica. (MELLO, 1987, p. 43-44)

Pode-se ouvir Humberto dizer: ‘O que recebemos de Freud, então, senão o Inconsciente como antes não havia? O inconsciente como um saber que não pode ser transformado em conhecimento, o Inconsciente que a cada momento, em lugar de se revelar, apenas revela o que é a ele sujeito...’ (É disso que se trata a maior distinção entre Bion e Lacan, que pretendo retomar logo em seguida). Lembram-se da fala de Lacan supracitada, sobre o inconsciente que não se desperta? Pois bem, *réveille* é palavra francesa usada nela, e que é homófona a *révèle*, que significa ‘revela’; portanto, poderíamos ter: o inconsciente não se revela. Nessa conjuntura, o inconsciente não é um objeto, muito menos pode ser um objeto de estudo, e a psicanálise é mais uma linguagem que tenta nos dizer como é possível o saber do inconsciente dar sustentação a que o *objeto-que-não-existe* faça sua operação sobre o sujeito. Ou, se se quiser variar, que se ouça Lacan nos propondo que a psicanálise está mais para a *ciência do não objeto*, uma ciência que se faz por um saber que é do inconsciente, por um saber que é, ele mesmo, o inconsciente, e que não pode ser transformado em conhecimento (MELLO, 1987). Afinal, que seria o inconsciente senão categórica e precisamente uma fronteira ao ato de pensar? Mas talvez Lacan não seja tão mal assim:

Quanto a mim, não posso dizer que a lógica tenha-me tornado absolutamente odioso para ninguém, exceto para alguns psicanalistas. Talvez seja por eu ter conseguido enxugar seriamente o seu sentido. Consegui-o de maneira ainda mais fácil por não confiar em absoluto no senso comum. Existe senso, mas não existe comum. Provavelmente, não há um só entre vocês que me entenda no mesmo sentido. Aliás, esforço-me para que o acesso a esse sentido não seja muito facilitado, para que vocês tenham que entrar com o seu, o que é uma

secreção saudável, e até terapêutica. Segreguem o sentido com vigor, e vocês verão como a vida se torna mais cômoda. (LACAN, 2011, p. 85)

### REFLEXOS NO VELUDO E VAGAS SOMBRAS DESIGUAIS

Grosseiramente, se poderia considerar que Bion e a escola inglesa de psicanálise favoreceram o entendimento de um inconsciente substanciado, dotado de características e qualidades, um existente, enquanto que Lacan e a escola francesa fizeram um esforço no sentido da destituição da profundidade do inconsciente, trazendo à tona a sua superficialidade e mesmo a sua exterioridade, a sua condição de não estar 'dentro' do ser. Se numa os dados empíricos (o mundo, a realidade e mesmo as emoções) precisam ser mergulhados no inconsciente, precisam receber um tratamento inconsciente para serem pensados, para nesse sonhar se alcançar uma verdade, em Outra o inconsciente não passa de uma hipótese de trabalho, operando como uma estrutura em que a suposição de um saber promove a possibilidade de o que vem depois incida sobre o que veio antes, sendo que o sentido, que é efeito dessa incidência, não passa de uma imaginariade, de uma consistência fictícia.

Tais diferenças podem mesmo ser rastreadas nos estudos filosóficos empreendidos em cada linhagem. A tradição Platônica presente na escola inglesa, na qual o realismo e o idealismo culminaram num declarado kantismo, e até num certo naturalismo, no qual há esta divisão entre a representação e a Coisa, entre o sensível e o inteligível, está toda permeada de, e assentada em, uma pré-suposição axiomática de que existe uma Verdade por trás de todo fenômeno apreendido pelos sentidos (alcançável ou não): como se a verdade e a falsidade existissem, em si. Bion chega mesmo a dizer que a mente se alimenta de verdades, e que pode até morrer de inanição por falta delas (ainda que duvide bastante das verdades baixadas pela mente humana). Já na escola francesa, a influência da dialética hegeliana e do materialismo-marxismo promoveu um enorme rebuliço, ao lado do fervor estruturalista e da linguística. Ali, os retalhos sempre muito limitados e provisórios da realidade (humana), da qual a

existência e a substância eram cada vez mais questionadas e desacreditadas, foram sendo assimilados pelas teorizações discursivas, nas quais não haveria uma materialidade para além da discursiva, nada para além do véu. É algo que se observa claramente já no primeiro seminário de Lacan, onde ele explica que não existe verdade e mentira antes da fala, que é ela, a fala, que introduz estes e até outros registros, na realidade. Que o semblante é justamente o que acontece quando uma Fala se propõe como verdade, ou seja, que ela minta. Que antes da fala, nada é e nem deixa de ser. Não existiria uma realidade subjacente a ser capturada, um 'Belo, real e transcendente eterno', como no platonismo. Se com Bion o sonhar coincidiria com o pensar, em Lacan a coincidência é entre o pensar e o falar (ou entre o falar e o existir, embora eu pense onde não sou e sou onde não penso) - daí a famosa sentença do inconsciente estruturado como uma linguagem. E só sealaria (pensaria) na suposição de um interlocutor. E só se saberia do que se fala (pensa), a partir desse suposto interlocutor. E, nesse caso, bastaria uma porta para que eu pudesse me ouvir, desde que nela eu supusesse *algo mais*. O inconsciente é muito justamente essa estrutura em que eu só posso me ouvir desde Outro lugar. Por isso ele não estaria dentro, como um barril em que eu mergulho fatos e memórias para tratá-las e transformá-las, desde a minha unidade subjetiva, meu self todo. Não é um aparelho adicionado à minha personalidade, que funciona na digestão do mundo. Não tem substância ou existência. É no máximo superfície de inscrição de significantes, não de símbolos. Mas, então, contra-sonho?

### PARA UM CONTRA-SONHO LACANIANO

Gostaria de sugerir uma ilustração, um belíssimo relato da famosa psicanalista brasileira Betty Milan, que viveu na França durante muitos anos e lá se formou, inclusive tendo se analisado com o próprio Lacan. É relato pessoal e que se encontra não em um artigo psicanalítico, mas no ótimo livro sobre questões da maternidade, *Carta ao filho*:

... decidi voltar para o Brasil. Havia trabalhado no Hôspital Saint-Anne, onde Lacan fazia a apresentação de doentes, ensinado no Departamento de

Psicanálise de Paris VIII, dirigido por ele, e feito os controles necessários para ser uma analista praticante. Queria agora transmitir o que havia aprendido.

Lacan não se opôs à minha decisão e, a meu pedido, marcou um controle antes da separação. Controle que eu pedi por ter agido com uma analisanda, a Senhorita L, de forma contrária às convenções analíticas.

L bebia por ter dificuldade de falar. Na infância ingeria tudo o que encontrasse na geladeira e, depois, passou a beber até a ânsia de vômito, o *dégout*. Na véspera da penúltima sessão comigo, antes da minha volta ao Brasil, sonhou que eu a presenteava com um vinho brasileiro e associou o presente à degustação, manifestando assim o desejo de passar do *dégout* para a *dégustation*.

Na noite seguinte à penúltima sessão de L, sonho que lhe dou uma garrafa de Chateaufort du Pape. Por que esse desejo de satisfazer o desejo da analisanda? Descubro, ao me perguntar isso, que a cura de L passaria pela degustação, pois ela compensava a dificuldade de falar com a bebida e, na degustação, o ato de beber está associado à fala. O degustador profissional põe um gole na boca, bochecha, cospe e depois diz o que pensa do vinho.

Se conquistasse a possibilidade de degustar, L deixaria de beber. Queria que ela entendesse isso antes da nossa separação. Achei que dar a ela, na sua última sessão comigo, um vinho para a degustação era a maneira mais eficaz. Fiz isso, contrariando a regra básica do *não agir* do analista e temendo que o procedimento me valesse a expulsão da Escola Freudiana de Paris.

Tendo ouvido a história e os meus argumentos, Lacan se saiu com um "*Vous avez de la bouteille*". *Bouteille* é sinônimo de *garrafa*, mas a expressão significa

"Você tem experiência". Com o trocadilho, ele sancionou um ato aparentemente aberrante e, no dia seguinte, compareceu à festa de despedida, pedindo, aliás, uma bebida que não havia: Jack Daniel's. (MILAN, 2013, p. 123-124)

### CONTRA-SONHAR: DESFECHAMENTO SIMBÓLICO

Dado o exemplo, caberia então dizer que Lacan é partidário de um peculiar tal uso do sonhar, este 'contra-sonho', já alguma vez tido por certo e real experiência do psicanalista? Talvez valha a pena reconsiderar o que diz quem diz que contra-sonha, nestes próprios termos. E o "primeiro" a fazê-lo, já que cunhou o termo, tendo mesmo o transformado, por conseguinte, em conceito, foi Donald Meltzer, analisando de Melanie Klein e parceiro-seguidor de Bion. Meltzer trabalhou 'o sonho contratransferencial' ao longo de toda a sua obra, mas uma descrição mais pontual e poética surgiu só mais tardiamente, em sua fala sobre a "Criatividade e a contratransferência", na qual ele o descreve como se tratando de uma "contribuição do analista, como que em um dueto com o paciente, - destinada a harmonizar-se e a impor o seu próprio ritmo e cadência, à maneira do som da gaita de fole" -, um algo que "sequer precisa ser lexical ou inteligível" (MELTZER, 2005, p. 181). Com rigor, ele diz que "o primeiro ponto é que a contratransferência é uma elocução do analista atencioso. O segundo, é que ela representa o foco e a atenção dele. Terceiro, nela estão contidos fragmentos primitivos de pensamentos" (MELTZER, 2005, p. 181), os famosos elementos-alfa, que após passarem por devido escrutínio, parecerão formar um padrão: símbolos incipientes de significado emocional. Pois é isso o que importa para Meltzer: "Com o intuito de que o símbolo da sessão tome forma, o sonho do paciente e o contra-sonho do analista precisam trabalhar em reciprocidade" (WILLIAMS, 2010, p. 154), afinal, "contratransferência é tudo na psicanálise" (WILLIAMS, 2010, p. 147). E ele arremata:

É difícil de explicar a técnica do contra-sonho. Cair no sono enquanto o paciente está falando não é o bastante. É necessário um processo de trabalho sobre o material, enfocando e selecionando-se configurações interpretativas, aguardando-se

um estado de satisfação (sono). O estado de observação é essencialmente um estado de repouso. E é, também, um estado de mais alta vigilância. Comparo-o à espera por um cervo pastando à noite, no escuro, que só será visto pelo cintilar de sua cauda branca. Esta vigilância noturna é um estado de alerta para com o movimento da presa, movimentos mínimos de um objeto-parcial dos quais, com paciência, se poderá extrair a formação de um padrão de significado incipiente “moldado antecipadamente”. Esta captura de um significado incipiente anteriormente delineado é uma função da imaginação receptiva - que se abre à possibilidade sem se preocupar com a probabilidade. Como se trata de algo rico em suspense, necessariamente é fatigante e repleto de ansiedade. É uma prova de força - e de fé -, que dá corpo a termos como resistência ou recuo. E, mesmo assim, trata-se de um gerador de poesia.

Em suma, a contratransferência é uma experiência emocional que deve ser capturada em seus sonhos. Mas o paciente deve comparecer ao analista para sua interpretação. E como é que ele saberá do que está falando? Ele não saberá - ele “contra-sonhará”; ele, de fato, terá trocado o “pensar” (ciência) pelo intuir (arte, poesia): a tradição verbal de Homero. (MELTZER, 2005, p. 182)

Estas alegações já não parecem estar favorecidas pelo pensamento lacanianamente expresso, apesar da interessante menção quanto à elocução, que implica uma enunciação. Mas sigamos só um pouco mais no pensamento meltzeriano, para maior detalhamento, acompanhando o que dele diz sua grande entusiasta Meg Harris Williams em duas falas de 2009, uma em Biella, na qual faz “Uma introdução à obra e ao pensamento de Donald Meltzer”, e outra sobre “Sonhando a sessão”, proferida em Seattle. Na primeira, Meg explica que uma “observação acurada” - do mundo, da realidade, do que está acontecendo no aqui agora da sessão e dentro de si (objetivo máximo desta linha) - “depende da aquisição de um estado de espírito que ele [Meltzer] denomina de sonho contratransferencial, no qual uma conversa entre os objetos internos do analista e analisando é estabelecida” (WILLIAMS, 2016, p. 13). Quer dizer, o sonho contratransferencial é “o

estado de espírito necessário ao trabalho analítico quando se trata de uma comunicação mútua, que tem o seu lugar no presente, mesmo quando o seu conteúdo parece estar recordando o passado”, um equivalente conceitual da ‘reverie’ de Bion, também baseado na relação mãe-bebê, precisamente referido à “adequação da atenção do analista à co-operatividade do paciente” (WILLIAMS, 2016, p. 12).

Na segunda fala, vale o aporte ao que é o sonho e a vida onírica nesta perspectiva:

Sonhos (diz Meltzer) são um “teatro para a geração de significados”; eles são o local em que a nossa atitude com relação à realidade é gerada. O sonho é uma amostra da estrutura subjacente da mentalidade, a qual ele denominou de “vida onírica”. A vida onírica segue continuamente, dia e noite, e se nós observarmos isso depende de para onde manteremos virado o órgão de atenção (que é como Freud descreveu a consciência), se para dentro ou para fora. O consultório psicanalítico, ou a sala de jogos de terapia infantil, provê uma estrutura continente tal qual a tela para um artista, na qual a realidade psíquica sob a forma de sonho ou fantasia poderá ser projetada e observada, sustentada pelas coordenadas da transferência-contratransferência. A vida onírica é, portanto, a nossa chave de observação e a nossa via de contato com a realidade psíquica. Isso não é o mesmo que uma “crença”, tal como por vezes se acredita. Ao contrário, a realidade psíquica é como as coisas de fato são na mente, e nos adultos, os sonhos são a nossa principal - por vezes a única - via de acesso ao conhecimento relativo à condição interna da mente, do self e seus objetos. Meltzer disse “o sonho é o meu cenário”. (WILLIAMS, 2015, p. 1)

Então temos o contra-sonho como: (1) estado de atenção, (2) comunicação recíproca, (3) geração de símbolos. Talvez: um estado de espírito do analista que viabiliza e garante a sintonia para uma troca complementar na comunicação, de modo a produzir precisos símbolos - estes últimos, representações acertadas de realidades (internas e externas) que foram processadas desde um incognoscível e desenvolvidas a um pensamento enunciável (as contrapartes verbais de experiências emocionais, em correspondência

biunívoca). Tal processamento é o que Bion denominou de função alfa, mas aqui surge uma distinção importante entre Bion e Meltzer: estes autores “divergem quanto às possibilidades de a função alfa e a contratransferência (ambas operações inconscientes) serem observadas”, de modo que Meltzer crê que “existem modos inconscientes de se observar funções inconscientes” (WILLIAMS, 2010, p. 168). Observação inconsciente? Seria isso um ‘notar sem se dar conta’? Um ver sem enxergar? Quem sabe um ver, mas não perceber. Mas, então, não seria isso justamente um não-processamento de um dado? Não deve ser isto. Quicá, porventura, Meltzer quer referir-se a um ‘observar inconscientemente’ mesmo, tendo o inconsciente como um órgão perceptivo<sup>5</sup>. Só que, deste modo, voltaríamos ao inconsciente bioniano como função, o que redobraría de maneira divertida a última sentença referenciada, pois ficaríamos com um ‘observar se observando observar, inconscientemente’.

Seja como for, tudo isto difere muito da noção lacaniana de inconsciente e especialmente de suas considerações acerca do símbolo e da reciprocidade: a relação sexual não existe e é a duplicidade que está sempre em jogo. O pré-verbal, ainda que esteja presente, não é um conteúdo inconsciente que deve ser evoluído a verbal e comunicável. Lacan trata isso como uma confusão entre subconsciente e inconsciente, e lembra que “se seguimos Freud, é claro que nenhuma exploração, por mais profunda, por mais exaustiva que seja, do pré-consciente, jamais levará a um fenômeno inconsciente como tal”, de modo que fazê-lo “é um erro grosseiro, ainda mais que não há nada sobre o que Freud mais insista que na diferença radical do inconsciente e do pré-consciente” (LACAN, 1997, p. 191). A soma das impressões, internas e externas, das informações que o sujeito recebe do mundo onde vive, das relações naturais que tem com ele – “se é que é verdade que haja no homem relações que sejam inteiramente naturais, mas há algumas, por mais pervertidas que sejam” (LACAN, 1997, p. 189) –, claro, tudo isso que é da ordem do pré-verbal participa do que podemos chamar

5. Bem, já o disse Freud (1996, p. 129): “... (o analista) deve voltar seu próprio inconsciente, como órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente”.

uma *Gestalt* intramundana. Mas, nesse caso, nesse âmbito, “é certamente dos biólogos e dos etologistas que é preciso esperar progressos” (LACAN, 1997, p. 190) – eles é que vão estudar a configuração do signo e do sinal, do vermelho do pintarroxo, que chama ao acasalamento inequivocamente, e suas transformações e retraduições. Que estas coisas estão presentes num processo de análise, não resta dúvida, mas o que constitui “o campo propriamente analítico”, “o fenômeno analítico”, é “o sintoma” (LACAN, 1997, p. 189), e o símbolo neste campo, tendo sempre uma estrutura como que a de linguagem, é sempre equívoco e nunca, jamais, se refere a um objeto: “o significante é um sinal que não remete a um objeto” (LACAN, 1997, p. 192). Ora, esta sentença é base estrutural de uma linguística que desde Saussure (2006), ao menos desde seu curso ministrado entre 1907 e 1910, reconhece a completa arbitrariedade da relação entre os termos de um símbolo, e que, com Jakobson (1974), recebeu ampla exploração no sentido de que uma representação só remete a outra representação, sem nunca haver qualquer relação direta entre palavra e coisa, não havendo, tampouco, qualquer conhecimento não-linguístico do que quer que seja (a velha história do ‘se uma imagem vale mais que mil palavras, tente dizer isso sem palavras’). Ou melhor, “o significado da palavra ‘queijo’ não pode ser inferido de um conhecimento não-linguístico do *roquefort* ou do *camembert* sem a assistência do código verbal”: “ninguém jamais sentiu o gosto ou o cheiro do significado de *queijo* ou *maçã*” (JAKOBSON, 1974, p. 64). Nunca provamos ambrosia ou néctar, nem montamos um unicórnio ou sentimos a linha divisória entre países; menos ainda tocamos em deuses como a Panaceia, mas compreendemos essas palavras e sabemos com precisão em que contextos empregá-las. Signos substituem signos, contraopondo-se entre si.

O que resta, então, de uma relação direta entre a palavra e a coisa? No interessantíssimo artigo distribuído por Harris e Voegelin é abordada a questão do papel que representa o ‘apontar com o dedo’ (*pointing*) na elucidação do sentido. Permito-me acrescentar-lhe algumas considerações. Suponhamos que eu queira explicar a um índio unilíngue o que é Chesterfield e lhe aponte com o dedo um maço de cigarros. Que é que o índio pode concluir? Ele não sabe se estou

pensando nesse maço em particular ou num maço em geral, num cigarro ou em muitos, numa certa marca ou em cigarros em geral, ou, mais geralmente ainda, em algo que se fuma, ou, universalmente, nalguma coisa agradável. Além do mais, ele ignora se lhe estou simplesmente mostrando, ou se lhe estou proibindo os cigarros [Apontar com o dedo pode significar maldição: em certas culturas, particularmente na África, é um gesto agourento]. Ele só fará ideia do que é e do que não é Chesterfield quando tiver dominado uma série de outros signos linguísticos que funcionarão como ‘interpretantes’ do signo em questão. (JAKOBSON, 1974, p. 32 [64])

E, lembrem-se do sábio de Balnibarbi, nas *Viagens de Gulliver*?

Ele decidira que, “já que as palavras são apenas substitutos das coisas, seria mais prático para todos os homens carregar consigo as coisas que fossem necessárias para exprimir os assuntos específicos que tivessem de discutir”. Evidenciou-se, entretanto, um inconveniente [...]: “se as ocupações de um homem são importantes, e de várias espécies, ele será obrigado, proporcionalmente, a carregar um fardo maior de coisas nas costas” e se arrisca a ser esmagado pelo peso delas. Seria difícil conversar acerca de “uma baleia”, mais embaraçoso ainda falar de “baleias”, e praticamente impossível comunicar qualquer coisa sobre “todas as baleias” ou “baleias ausentes”. Supondo mesmo que se consiga miraculosamente reunir todas as baleias do mundo, como exprimir, por coisas, que estão todas ali verdadeiramente? (JAKOBSON, 1974, p. 33)

Assim sendo, não haveria o símbolo tridimensional conquistável, no qual se incluiriam elementos reais que possibilitariam a troca e a evolução de sentido entre interlocutores. A linguagem é plataforma bidimensional e, justamente, nela não estão os conteúdos inconscientes latentes a serem simplesmente desvelados ou combinados, representados simbolicamente. “Se digo que tudo o que pertence à comunicação analítica tem estrutura de linguagem, isso não quer dizer que o inconsciente se exprima no discurso” (LACAN, 1997, p. 191). O inconsciente não está no discurso, pois ele é justamente a parte que falta, “é o capítulo de minha história que

é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (LACAN, 1998, p. 261). Pois aqui, “a função da linguagem não é informar, mas evocar” (*Idem*, p. 301).

“O inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (*Idem*, p. 260). “Eis-nos, pois, acudados contra o muro, contra o muro da linguagem. Estamos em nosso lugar, isto é, do mesmo lado que o paciente, e é nesse muro, que é o mesmo para ele e para nós, que tentaremos responder ao eco de sua fala” (*Idem*, p. 317).

E “mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho” (*Idem*, p. 253).

Enquanto Bion recorre à metáfora de Mallarmé para dizer que devemos resgatar o valor das moedas-palavras, o valor de representação da realidade, Lacan prefere lançar mão da mesma metáfora para, frisando o lance de dados do polissêmico jogo linguageiro e assumindo sua imperfeição, sugerir que são as palavras que de fato instauram uma realidade de valores.

“O problema é termos que usar uma moeda desvalorizada, uma linguagem que perdeu grande parte do seu alcance e, portanto, perdeu seu fio” (BION, 2005b, p. 2). “O cirurgião”, diz Bion (1985, p. 134), “pode apelar para instrumentos que foram zelosamente cuidados e preservados e que já estejam disponíveis em condições assépticas”, enquanto que nós, analistas, só “temos ao nosso dispor, e temos que o usar, o discurso articulado”, de modo que “os instrumentos com os quais temos que levar a cabo a nossa tarefa são um tipo de moeda desnaturada, palavras que se gastam e tornam-se absolutamente lisas até o ponto de ficarem sem significado”. “Em função disto, acho que cada psicanalista deve se disciplinar”, para “forjar sua própria linguagem e manter as palavras que usa em bom estado de funcionamento” (BION, 1985, p. 135). “É como realizar uma intervenção cirúrgica e ter que afiar o bisturi e torná-lo perfeitamente eficiente *enquanto* estamos operando”, pois, segundo Bion (2005a, p. 5), enquanto exercitamos

“a profissão analítica”, devemos “também exercitar a arte de afiar e tornar exato o vocabulário que utilizamos”. E ele assevera: “É importante que estejam certos do que é o seu vocabulário, aquelas poucas palavras que lhes são verdadeiramente úteis, e mantê-las atualizadas e em condições tais que possam transmitir o que pretendem dizer.” (BION, 2005a, p. 5)

Com Lacan (1998, p. 253):

Muito pelo contrário, a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas. Ainda que esse discurso, com efeito, pareça meio vazio, isso só acontece quando se o toma por seu valor aparente: aquele que justifica a frase de Mallarmé, quando este compara o uso comum da linguagem com a troca de uma moeda cujo verso e anverso já não mostram senão figuras apagadas, e que é passada de mão em mão ‘em silêncio’. Essa metáfora basta para nos lembrar que a fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de tésseira.

#### **E QUANTO À CONTRATRANSFERÊNCIA? (A ÚLTIMA SONATA AO LUAR)**

Tal como não nega a existência do pré-verbal, Lacan não nega a existência da contratransferência. Mais uma vez, “pelo contrário”, diz ele (LACAN, 1992a, p. 197) “entendo por contratransferência a implicação necessária do analista na situação de transferência”, de modo que é isso, precisamente, “que faz com que devamos desconfiar desse termo impróprio. Trata-se na verdade, pura e simplesmente, de consequências necessárias do fenômeno da transferência, se o analisarmos corretamente”. Pois “a transferência é um fenômeno em que estão incluídos, juntos, o sujeito e o psicanalista”, e querer dividi-la em termos de “transferência e contratransferência, qualquer que seja a sagacidade, a desenvoltura das proposições que a gente se permita sobre este tema, nunca é mais que um modo de eludir do que se trata” (LACAN, 1988, p. 219). E de quê se trata? Justamente daquele já mencionado ‘lugar vazio’, de um certo pequeno objeto *a*, e da sustentação deste lugar: o analista colocando-se como suporte da transferência, e não como

receptáculo de conteúdos a serem traduzidos (transduzidos ou transformados). O lugar é mantido vazio, não preenchido ou ocupado. O analista não se identifica com o lugar em que é colocado e nem tem o seu ser - ou o que sente - como critério de verdade, já que isso facilmente obturaria a busca do desejo alheio. O Desejo do Analista não é o desejo pessoal de um analista, mas justamente esta função de abertura e diferença, e nisso parece haver boa semelhança ao que Bion enunciou como “sem memória, sem desejo e sem compreensão” (sem preenchimento, sem desejo como o de cura, numa total abertura).

Bion também se distanciou da contratransferência como ferramenta, após um primeiro enamoramento - relativamente discreto e ponderado - pelo tal expediente. Se nos inícios de seus trabalhos (BION, 1997, p. 270), em 1953, dizia que sua interpretação utilizava “a noção de identificação projetiva, introduzida por Melanie Klein, primeiro para compreender a contratransferência e a seguir para construir a interpretação” dada ao paciente (esquizofrênico), nos idos de 1977 responderá:

O. Os kleinianos dizem que a pessoa usa a própria fantasia terapeuticamente - a própria reação contratransferencial, o todo da reação de uma pessoa para com o paciente, e algum tipo de comunicação inconsciente entre o paciente e o analista.

B. Fico feliz que os kleinianos façam isto; se é isto que eles gostam de fazer, por mim, tudo bem. Só que isto não é bom para mim. (BION, 1992, p. 110-111)

Assim, nisso Bion não concorda com Meltzer: “... [os] analistas pensam que podem usar a contratransferência. Esta é uma maneira imprecisa de pensar. Você pode usar um *sentimento* que você tenha, mas sua contratransferência você não pode usar”, já que, por definição, ela é inconsciente e não se faz com ela nada “a não ser mais análise” (BION, 2008, p. 26).

Não há nisso uma mera correção terminológica. Claro, o modelo de transformação de sensações e impressões em termos verbais que os traduzam se mantém (BION, 1992). Mas o fato de se reconhecer sérios limites a isso é muito digno de nota. Bion sempre usou seus sentimentos,

seu aparelho sensorial e sua capacidade de interpretar o que seus sentidos captavam; mas também sempre ponderou: “Esse modo de proceder permite graves objeções teóricas e penso que elas devem ser enfrentadas. [...] A objeção de que projeto meus conflitos e fantasias no paciente não pode – e não deve – ser rechaçada” (BION, 1997, p. 270).

### FINAL SUMÁRIO

Tanto Bion quanto Lacan, como demonstrado nas falas de cada um expostas ao final da segunda e da terceira parte deste trabalho, preocupam-se mais com suscitar ideias do que com dar respostas, de modo que suas respectivas formulações respeitam isso analiticamente com rigor. E apesar de diferentíssimas descrições sobre o inconsciente, sobre o símbolo e sobre o sonho, semelhanças interessantes constam em considerações acerca do “uso” da contratransferência no proceder clínico, especialmente no sentido de cogitar uma peculiar atenção implicada sempre com a abertura. Isso aparece no caso relatado por Betty Milan, não como o sonho factual, mas na disposição sensível e no estado de espírito chamados por Meltzer de contra-sonho. Mas, se Betty Milan não recorre a conceitualizações de linha inglesa na sua clínica, o seu fazer demonstra que a prática não precisa ser esclarecida para operar?

### OUTRO FINAL – OU APÊNDICE A

(Um último resto se impõe, uma última alça a estas conjecturas). Outro autor de linha inglesa que certamente mereceria menção aqui é Donald Winnicott, justamente por ele ter também explorado seus ‘sonhos curativos’ em seus trabalhos acerca do ódio na contratransferência, isso já em 1947 (WINNICOTT, 2000), além de ser o autor de cujo objeto transicional Lacan reconhece ter derivado “inicialmente o objeto *a*” (LACAN, 2003, p. 376). Ele tinha um cuidado peculiar para com o sonho – expresso em carta escrita a Bion:

Os psicóticos nos quais fundamenta suas ideias são pessoas que você julga que tinham capacidade de sonhar e depois a perderam? Ou são pessoas que nunca conquistaram esse espaço de ação entre o concreto e o abstrato, ou entre

a realidade psíquica e a realidade externa? Se a primeira alternativa for verdadeira, suponho que esses pacientes têm recordações de sonhos e isso deve ser importante. [...] Outro modo de abordar o mesmo ponto seria lhe perguntar o que é que, na análise, pode capacitar o paciente que não consegue sonhar, e não consegue nem dormir nem permanecer acordado, a finalmente conquistar o sonho. (WINNICOTT, 2005, p. 159)

Winnicott preocupava-se, como Bion, com como o necessário sonho se produz, tendo trabalhado extensivamente nisso. Tentava o conceber como este espaço potencial, entre fora e dentro, nem interno e nem externo, o ‘espaço do sonho’: uma conquista do desenvolvimento pessoal baseada na provisão e sustentação ambiental, e que não coincide com a capacidade biológica para o sonhar. A formação do sonho seria dependente da qualidade do espaço transicional construído e da capacidade do indivíduo em utilizá-lo, o que, por sua vez, decorre (correspondentemente) do estabelecimento do objeto transicional e do uso que é feito dele. Nos dizeres do autor, ‘o sonhar e o viver pertencem à mesma ordem’, sendo que “o sonho ajusta-se ao relacionamento com objetos no mundo real, e viver no mundo real ajusta-se ao mundo onírico” (WINNICOTT, 1975, p. 45). Quanto ao tal objeto, subjetivamente concebido e objetivamente percebido, mantido o paradoxo:

Este objeto é um meio-termo entre todas as coisas. [...] do ponto de vista da criança, ele é o ajuste perfeito. Não faz parte nem do self nem do mundo. Mas, ainda assim, é ambos. Foi concebido pela criança; [...] mas ele simplesmente apareceu. [...] Trata-se de algo ao mesmo tempo subjetivo e objetivo. Está na fronteira entre o dentro e o fora. É simultaneamente sonho e realidade. (WINNICOTT, 1997, p. 41)

Pois nota-se que Winnicott possui uma visão ligeiramente diferente de sonho, ainda que esteja forçado a supor uma realidade factual. O sonhar não é uma forma de processar os dados da realidade, mas sim uma forma de colorir a realidade, que só então se torna vivível. E mais, considera

que a psicoterapia só ocorre “na sobreposição de duas áreas de brincar, a do paciente e a do terapeuta” (WINNICOTT, 1975, p. 59), o que pode ser traduzido em ‘sobreposição de duas áreas do sonhar’ – sendo exatamente aí que tal autor aloca também a experiência cultural como um todo, da arte, da religião ou da filosofia: ou seja, a vida.

Esta perspectiva se alinhava e aproxima bastante dos desenvolvimentos da fenomenologia realizados por autores como Heidegger e Merleau-Ponty, num esforço de superar igualmente os erros gêmeos do realismo e do idealismo. Para eles, nós estamos no mundo e ele é mais velho do que nós (o mundo não esperou o sujeito do conhecimento para existir), mas, simultaneamente, somos nós que doamos significados e sentidos ao mundo, conhecendo-o e transformando-o (se eliminarmos a ‘consciência’, não sobra nada). A realidade seria o justo cruzamento entre coisas existentes e as ideias e a cultura que se assentam sobre as primeiras. O campo entre o fato e o sentido.

Com relação à contratransferência, apesar de mais tardiamente – em artigo homônimo, de 1960 – Winnicott (2007, p. 150) também sugerir que talvez fosse melhor deixarmos “o termo contratransferência voltar a seu sentido do que esperamos eliminar por seleção e análise e treinamento de analistas”, a sua primeira definição continua válida, a saber, a de que existe uma “contratransferência verdadeiramente objetiva ou, se isto for difícil, o amor e o ódio do analista em reação à personalidade e ao comportamento reais do paciente, com base numa observação objetiva” (WINNICOTT, 2000, p. 278) – já que no segundo momento ele apenas considera que seja melhor usar o termo de Margaret Little ‘a resposta total do analista às necessidades do paciente’ (WINNICOTT, 2007), enfatizando o tratamento de psicóticos que estejam temporariamente regredidos e dependentes.

Ou seja, Winnicott, como bom exemplar de autor da linha inglesa, claramente supõe uma realidade e uma verdade distinguíveis, de algum modo: seria possível discernir uma correspondência afetiva e efetiva entre o emitido e o sentido, entre um provocado e um reagido. De fato, o que Winnicott (2000, p. 277) relata é justamente que, por exemplo, o ódio provocado em um analista precisa estar “muitíssimo discernível e consciente”, para que

possa ser utilizado em uma futura interpretação – um ódio que ele considera possível de ser objetivo e legítimo, como uma resposta adequada e real – descrevendo, sequencialmente, certos sonhos seus que funcionavam como processos elaborativos de tais conteúdos, e que, além de o possibilitarem a ter contato com as suas próprias reações conscientes e inconscientes diante do impacto do paciente psicótico, o levavam “a um novo patamar de desenvolvimento emocional” (WINNICOTT, 2000, p. 281).

Marcadamente, o inconsciente aí é um existente em si, sendo tanto um local de processamento de conteúdos, quanto, muitas vezes, o próprio conteúdo (por exemplo, o ódio). Mais do que isso, o que salta aos nossos olhos é toda a dedicação e preocupação dos autores anglo-saxões com o desenvolvimento da capacidade de pensar, e especialmente com uma certa modalidade de pensamento à qual não se tem acesso imediato. Para Lacan, parte-se do pressuposto de que desde o início o analisando está em condições de ‘pensar’; ou melhor, que todos podem falar perfeitamente, até de forma erudita, sem ter necessariamente a capacidade de se pensar, ou de pensar a própria vida, mesmo não sendo necessariamente psicóticos. O que lhe interessa e ocupa é o inconsciente como um impossível, como um Outro lado e outra cena que só constam ou num *après-coup*, ou como um limite. Não haveria nele uma causalidade eficiente, nem um dado real a ser deduzido. Se a psicanálise inglesa, dedicando-se profundamente ao estudo e à descrição do desenvolvimento e do processamento dos pensamentos, avançando na análise de crianças, constituiu uma ética do cuidado e toda uma psicologia, a linha francesa-lacanianana, ao enfatizar o lapso, a falta, a linguagem, a diferença e o capítulo branco de nossa história, refundou uma ética do desejo e, devida e diretamente falando, toda uma ética: o inconsciente é ético, não ôntico. Se em uma se privilegia o dentro e o fora reais, com todos os intercâmbios que aí se produzem, noutra o que está em questão é a oposição entre o mundo da cultura e um Real inassimilável, bem como a posição que aí se assume. Se em uma os sonhos são possíveis resoluções de sintomas – se sonha ou para constituir ou processar a realidade, criando símbolos, e a falta de sonho é sempre distúrbio –, na outra é o sonho sintomatizado que produzirá um sujeito – não por representação

da realidade, mas por efeito de deslocamento de representações que só se referem a outras representações, sendo o sonho, além de inevitável, o inescapável alçapão que desaba remetendo o artificioso assujeitado ao fundo do artifício que o constituiu.

De outro modo: se se quer sonhar, Bion terá muito que propiciar (talvez o precisar sonhar seja mais com Winnicott mesmo). Agora, se já se desistiu de acordar, o trato é com Lacan.

### *From the dream of Bion to the counter-dream of Lacan?*

**ABSTRACT:** *This work seeks to follow psychoanalytical concepts and conceptualizations of authors of English and French line, closely Bion and Lacan, so, highlighting their contributions, find and draw parallels and distinctions that translate into conversations and disjunctions between the two and both, electing as the axis of developments the dream and - as far as possible - counter-dream notions.*

**KEYWORDS:** *Bion; Lacan; Psychoanalysis; Dream; Counter-dream.*

#### REFERÊNCIAS

- BION, Wilfred Ruprecht. *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000
- \_\_\_\_\_. *The italian seminars*. Londres: Karnac, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *The Tavistock seminars*. Londres: Karnac, 2005b.
- \_\_\_\_\_. *Clinical seminars and other works*. Londres: Karnac, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Conversando com Bion*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Uma memória do futuro: I - o sonho*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Evidência*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.19, n.1, p.129-41, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem e o esquizofrênico*. In: ANZIEU, Didier. *Psicanálise e linguagem: Do corpo à fala*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- BOLLAS, Christopher. *Sendo um personagem*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

- FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- (1912) *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, v. 12.
- GIOVANNETTI, Marcio de Freitas. Uma questão hamletiana. In: FRANÇA, Maria Olympia de A. F (Coord.) *Bion em São Paulo: Ressonâncias*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. As quatro dimensões do despertar - sonho, fantasia, delírio, ilusão. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 275-289, Dez./ 2005.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 3: As psicoses*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992a.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992b.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Função e campo da fala e da linguagem*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- MASI, Franco de. O inconsciente e a psicose: Algumas considerações sobre a teoria psicanalítica das psicoses. *Livro anual de psicanálise*, 2002, XVI, 9-27.
- MELLO, Humberto Haydt de Souza. *Acta de psicanálise*. v. XII, cap. III (Colégio Freudiano de Psicanálise). Brasília: Linha Gráfica e Editora, 1987.
- MELTZER, Donald. Creativity and the countertransference. In: WILLIAMS, Meg Harris. *The vale of soulmaking: The post-kleinian model of the mind*. Londres: Karnac, 2005.
- MILAN, Betty. *Carta ao filho: Ninguém ensina a ser mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- MILLER, Jacques-Alain. Duas dimensões clínicas: Sintoma e fantasia. In:

- Percurso de Lacan: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- VIEIRA, Marcus André. Como se ri da angústia? [p. 71-89]. In: BESSET, V. L. (Org.). *Angústia*. São Paulo: Escuta, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O corpo falante e o final da análise*. Seminário da diretoria da EBP-Rio [02 de março de 2015]. Disponível em: <[http://www.litura.com.br/curso\\_repositorio/i\\_o\\_corpo\\_falante\\_e\\_o\\_final\\_da\\_analis\\_1.pdf](http://www.litura.com.br/curso_repositorio/i_o_corpo_falante_e_o_final_da_analis_1.pdf)> Acesso em: 10 de dezembro de 2015.
- WILLIAMS, Meg Harris. *The aesthetic development: The poetic spirit of psychoanalysis*. Londres: Karnac, 2010.
- \_\_\_\_\_. *An introduction to the work and thinking of Donald Meltzer*. Disponível em: <<http://www.artlit.info/pdfs/MeltzerIntro.pdf>> Acesso em: 10 mai 2016.
- \_\_\_\_\_. *Dreaming the session*. Disponível em: <<http://www.artlit.info/pdfs/DreamingSession.pdf>> Acesso em: 29 dez 2015.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. *A família e o desenvolvimento individual*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Gesto espontâneo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

**Estanislau Alves da Silva Filho**

Rua Frei Caneca, 1114, apto 22  
CEP 01307-000  
São Paulo - SP  
Tel: (11) 998275920  
stani-asf@hotmail.com

## É possível a transmissão da psicanálise na universidade

LUCIANNE SANT'ANNA DE MENEZES

**RESUMO:** O presente artigo traz reflexões sobre aspectos do 'ensino' e da 'transmissão' da psicanálise na universidade. A transmissão em psicanálise ultrapassa uma simples questão de ensino, tendo em vista que se refere ao saber que advém de uma experiência clínica pessoal, em que a transferência e o inconsciente têm papel fundamental. O cerne do problema parece estar na confusão do estudo da psicanálise com a formação de psicanalista. Partindo de Freud e comentadores contemporâneos, a autora problematiza sua experiência como docente, orientadora de pesquisas psicanalíticas e supervisora de Estágio Profissionalizante no curso de graduação em Psicologia de uma universidade pública, interrogando-se a respeito do método psicanalítico no cenário acadêmico, da inserção do aluno no campo da psicanálise e a possibilidade de sua transmissão pelo trabalho docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise e universidade; Método psicanalítico; Ensino e transmissão.

### PREÂMBULO

Em 2011 me tornei docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IPUFU). Dentre outras atividades, tenho lecionado 'Psicopatologia Geral II' e 'Teorias e Técnicas Psicoterápicas I (TTP I)', respectivamente, no

Psicóloga e Psicanalista; Mestre e Doutora pelo Instituto de Psicologia-USP; Membro Efetivo do Departamento Formação em Psicanálise-Instituto Sedes Sapientiae; Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG